

# Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico? <sup>1</sup>

Elísio Wedderhoff <sup>2</sup>

*Resumo:* O objetivo da educação emocional não está centrado na mensuração da inteligência, mas sim, na sua otimização; a partir da educação das emoções. Constitui-se num processo complexo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda a vida. No entanto, não pode ser vista como mais um tipo de auto-ajuda ou uma receita que transforma todos os problemas em soluções.

*Palavras-chave :* inteligência emocional, educação emocional, paradigma.

*Abstract :* The objective of emotional intelligence is not centered in the measuring of intelligence, but, in its optimizing, beginning from the education of the emotions. It constitutes into a complex process of permanent construction, deriving from the midst of the family, going through school and keeping on for the entire life. However, it can not be seen as a kind of self-help or a receipt that transforms all problems into solutions.

*Key-words :* emotional intelligence, emotional education, paradigm.

## Introdução

Stephen J. A. Gould afirma em seu livro *A falsa medida do homem*, que “não há nada em medições matemáticas que garantam a possibilidade de avaliara inteligência de um indivíduo”(Gould in Smole, 1996,19). E essa parece ser a tendência da ciência moderna com relação a visão psicométrica da inteligência, ao questionar a validade dos testes de QI (quociente de inteligência) e da análise fatorial.

De igual forma, no próprio meio científico, admite-se que houve um entusiasmo excessivo em relação a tais testes. E essa aparente negação de paradigmas parece ter levado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para avaliação na disciplina metodologia e seminário de pesquisa, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Lemos Silva.

<sup>2</sup> Professor de matemática na rede estadual de ensino de Santa Catarina. Especialista em educação matemática e mestrando em educação e Cultura da UDESC.

os pesquisadores a conceber novos encaminhamentos para a questão da inteligência e, conseqüentemente, para a aprendizagem.

E essa nova visão acerca da inteligência é hoje fundamentada, principalmente, nas teorias de Howard Gardner (Inteligências Múltiplas) e de Daniel Goleman (Inteligência Emocional). O objetivo dessas teorias não está centrado na preocupação em mensurar a inteligência, mas sim, em otimizá-la. E isso implica, segundo a teoria de Gardner, na observação das fontes naturais de informações (do próprio meio social), como mecanismos de desenvolvimento das capacidades importantes para a vida. Da mesma forma, Goleman concebe as emoções como instrumento de aperfeiçoamento da inteligência.

Assim, o espectro de competências concebidas pela teoria das inteligências múltiplas (as sete inteligências inicialmente concebidas e uma oitava inteligência - a naturalista - que o autor, hoje já admite como possível) e a emoção, da teoria da inteligência emocional, de certa forma, originaram a chamada educação emocional.

Desse modo, a educação emocional, certamente, não pode ser vista como um fenômeno exclusivamente escolar. Constitui-se num processo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda a vida. Porém, não pode ser vista como mais um tipo de auto ajuda, uma receita que transforma problemas em soluções. E isso fica bastante evidente, considerando que o principal objetivo deste novo paradigma tem como premissa o crescimento emotivo-intelectual do ser humano.

Embora os estudos acerca da inteligência e educação emocionais sejam relativamente recentes, parece inegável tratar-se de um processo de caráter psicopedagógico, derivado dos próprios processos de evolução da sociedade, da família e da escola. Também há fortes indícios de que esse encaminhamento pedagógico está, em boa parte, delegado aos professores. Ou seja, a função de assumir o papel de “alfabetizadores emocionais”, antes exercido intuitivamente, agora está consciente.

Nesse contexto, o objetivo preliminar desse artigo é fazer algumas considerações acerca da inteligência e das emoções, como uma possibilidade importante para uma melhoria da qualidade no processo de ensino e aprendizagem. E num segundo momento, pretende-se comentar alguns dos pressupostos que fundamentam, de alguma forma, a educação emocional.

## **Educação emocional**

A partir do evento das teorias de Daniel Goleman (Inteligência Emocional) e de Howard Gardner (Inteligências Múltiplas), houve o desencadeamento de uma verdadeira reviravolta nos estudos acerca da inteligência e da emoção.

Assim, falar em educação emocional implica, necessariamente, numa análise do contexto dessas duas teorias. Embora sejam teorias com formulações aparentemente distintas, existe uma co-relação muito estreita entre ambas. Talvez, a maior diferença entre elas esteja no fato de que Goleman dá um detalhamento muito maior ao papel das emoções.

Para entender o conceito de inteligência emocional, é preciso que se tenha uma concepção bastante clara em relação à inteligência e à emoção. A partir do século XVII, os psicólogos já admitiam a divisão da mente em três partes: cognição, afeto e motivação. A cognição engloba a memória, o raciocínio, o julgamento e a abstração. O afeto constitui-se de funções como: as emoções em si, o humor e as sensações. E, finalmente, a motivação refere-se a instintos biológicos ou a comportamentos adquiridos através do aprendizado.

Durante muito tempo, a emoção foi concebida como uma força altamente irracional e desagregadora, totalmente contrária á razão. Entretanto, nas pesquisas a respeito das emoções, essas são concebidas como um verdadeiro estímulo á cognição. Todavia, é inegável que, em algumas situações, certas atitudes ligadas á emoção podem realmente ser extremamente negativas e ter efeitos desagregadores do pensamento. Porém, num grande número de situações, circunstâncias que provocam reações emocionais, constituem-se numa contribuição importante para o pensamento (inteligência).

Todas as pessoas tendem a manifestar algum tipo de reação diante de uma determinada situação. No entanto, a reação apresentada, certamente, não será a mesma para todas as pessoas. Diante de algumas situações, especialmente das mais desagradáveis (como as que despertam o medo, por exemplo), é normal que se tenha uma reação extremada, com um tipo de resposta pouco racional, isso porém, não constitui uma regra geral, pois muitas pessoas poderão apresentar reações bem elaboradas, ou seja, reações consideradas como lógicas para uma determinada situação a típica. E uma resposta positiva, em contrapartida a um fato negativo, decorre de uma postura “correta” quanto aos sentimentos.

Entretanto, também não pode ser desconsiderada a possibilidade de que o tipo de reação apresentada irá depender intrinsecamente de todo um contexto cultural e até ambiental. Testes recentes, aplicados por Pennenbaker, Rimé e Blankenship, corroboram a tese de que pessoas de climas mais quentes são emocionalmente mais “abertas” que as pessoas de climas frios. Esse fato, por si só, sugere possibilidades extremamente importantes no que tange ao tipo de reação para uma determinada situação.

E essa influencia cultural e do meio onde a pessoa vive, somada ao conhecimento dos seus padrões individuais é que, muitas vezes, poderá permitir uma avaliação correta de uma reação e, conseqüentemente, de sua inteligência

Contudo, não se pode incorrer numa análise reducionista, afirmando que tudo o que se relaciona com inteligência e emoção é inteligência emocional. Essa relação entre cognição e emoção é, também, muitas vezes, extremamente contraditória. E inegável que a emoção afeta o raciocínio de diferentes maneiras, porém, isso não significa que a pessoa se torna mais inteligente quando o aprendizado envolve sentimentos.

Do mesmo modo, não se pode dizer que a inteligência emocional se resume simplesmente a autocontrole, persistência ou capacidade de motivação. Esses comportamentos, isoladamente, podem não influir significativamente na qualidade das emoções e, tampouco na inteligência do ser humano. A rede de conexões entre a inteligência e a emoção sugere um grau maior de complexidade entre as capacidades emocionais e mentais.

O conceito de inteligência emocional, descrito por Peter Salovey e David J. Sluyter, no livro *“Inteligência emocional da criança”*, expressa bem essa complexidade : “Inteligência emocional é a inteligência que envolve a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoção; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção ; e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual” (Salovey e Sluyter, 1999,39).

Assim, observamos que a inteligência emocional não pode, simplesmente, ser entendida como a percepção e o controle da emoção; deve privilegiar, principalmente, a ação do pensamento sobre o sentimento. Além disso, o conceito, descrito acima, reflete-se num conjunto relativamente amplo de capacidades.

Desse modo, talvez o papel mais importante da emoção esteja na sua função de facilitar o ato de pensar, ou seja, na capacidade de gerar pensamentos com um certo planejamento, criando a possibilidade de considerar, cada vez mais, um número maior de perspectivas. A tendência, segundo os pesquisadores, é de que essa capacidade se desenvolva, gradativamente, com o amadurecimento da pessoa.

Por outro lado, o desenvolvimento da inteligência emocional de uma pessoa implica numa realização emocional e, conseqüentemente, numa competência emocional. A realização emocional é o que a pessoa aprende sobre emoção, e a competência reflete um nível desejado de realização (padrão). Isso sugere que alguém só será inteligente emocionalmente se tiver uma realização emocional plena e um alto grau de competência. E essas capacidades são inatas; representam quase sempre uma prática, um verdadeiro processo de aprendizagem.

O desenvolvimento emocional do ser humano se dá, fundamentalmente, em três fases : *a aquisição* — refere-se á expresso e á percepção das emoções, momento no qual o indivíduo, além da aquisição e prática das diferentes emoções, também dá a elas um “toque pessoal” ; *o refinamento* — refere-se ás modificações das emoções, principalmente em função do seu meio social e cultural — pode refletir tanto um aguçamento de emoções, quanto um afastamento em relação a um comportamento específico ; *as transformações* — referem-se ás mudanças nos sistemas de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de determinada situação.

Em, resumo, podemos dizer que o desenvolvimento emocional é um processo de construção pessoal, porém, altamente influenciado pelo meio. Nos Estados Unidos e em muitos outros países (inclusive no Brasil, em menor escala), já se pratica a educação emocional. E, em alguns casos, com o “*status*” de disciplina do currículo (alfabetização emocional, a ciência do eu, etc...), e em outros, como programas intensivos paralelos (programas de solução criativa de conflitos, programa de desenvolvimento e competência social, dentre outros). Uma outra fórmula pedagógica utilizada concebe a educação emocional ministrada em linhas transversais, que atravessam e inspiram todas as disciplinas e atividades da escola.

O desafio da educação emocional parece traduzir-se no desafio de Aristóteles, citado no livro *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman : “qualquer um pode zangar-se — isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e de maneira certa — não é fácil” (Aristóteles in Golemann, 1995, 12).

Ora, essa proposição nada mais é do que a confirmação de que o comportamento humano é normalmente, um processo difuso. No entanto, os estudos, e mesmo a prática, sinalizam que esse processo pode ser melhor elaborado: analogamente ao modo que ocorre na aprendizagem acadêmica, na qual a utilização de diferentes metodologia, técnicas, e até meros procedimentos, podem proporcionar um melhor resultado.

E, nessa perspectiva de educação das emoções, alguns pesquisadores (em especial H. Gardner), defendem uma linha cognitivista, centrada em algumas das concepções de J. Bruner, como, por exemplo, “*uma educação para a compreensão*”. Essa nova visão de escola, mais “compreensiva” mais aberta, na qual o conhecimento não é aferido apenas numa única dimensão, e, muitas vezes medido, por testes do tipo SAT (teste de aptidão escolar) e de QI (teste de quociente de inteligência). Convém ressaltar que, cientificamente, esses testes podem ter perdido, em parte, o grau de importância que sempre tiveram, a ponto de alguns pesquisadores considerá-los totalmente obsoletos.

Além disso, esses testes têm sido duramente criticados pelo seu caráter determinista, o qual, em muitas situações, acabava por definir o futuro da pessoa. Ora, trata-se de testes com uma visão psicométrica da inteligência e mensurados quantitativamente. Não levam em conta uma série de fatores intrínsecos ao comportamento humano e, tampouco, do seu meio social.

Por outro lado, também a escola, concebida nos moldes atuais, não tem se configurado num protótipo de eficiência; todavia, não se pode dizer que retrate unicamente o caos. Talvez, fosse mais coerente afirmar que a escola apenas se ressentia de alguns ajustes, os quais, certamente, vão além da dimensão proposta pela escola iluminista e liberal-positivista.

A verdade é que o atual modelo social promoveu um distanciamento muito grande nas relações sociais, centrando o objetivo da escola, essencialmente, na formação acadêmica. A escola perdeu muito da sua função verdadeiramente “educadora”, transformando-se, quase que unicamente numa entidade “instrutora”, afastada da sua função socio-cultural.

Entretanto, não se pode falar em educação emocional somente num contexto didático-pedagógico, limitando a discurso em tomo da natureza, das modalidades e do funcionamento da inteligência humana, e responsabilizando a escola pelos fracassos. Na realidade, trata-se de um processo muito mais complexo e abrangente, uma verdadeira abertura para o meio social e cultural. Nessa perspectiva, a escola tende a transformar-se num verdadeiro laboratório interativo, onde a criança, além de tornar plena consciência do seu “eu”, será capaz de compreender melhor o que ocorre ao seu redor.

A educação emocional busca tornar um indivíduo mais inteligente emocionalmente. O que significa que ele terá mais chances de um convívio social estável. Além disso, será capaz de trabalhar em grupo, terá mais confiança diante dos desafios do dia-a-dia, estará mais apto ao relacionamento interpessoal e, principalmente, será mais otimista e equilibrado diante das exigências impostas pela sociedade.

## **O papel da escola no contexto da educação emocional**

Porém, isso não pode, de modo algum, significar, que a função acadêmica da escola deva ficar em segundo plano. Muito pelo contrário: a educação emocional deve ser vista como uma forma otimizadora do processo cognitivo.

Dizer que a emoção é importante no processo pedagógico é redundante. O diferencial hoje, parece estar na possibilidade de otimizar essa emoção. Entretanto, a educação emocional jamais pode ser vista como uma fórmula miraculosa como a verdadeira redenção para todos os problemas da educação. Nem, tampouco, ser vista como mais um mero modismo.

A concepção de um modelo ideal para a operacionalização da educação emocional, até hoje, não se constitui numa unanimidade. O que existem são projetos, a grande maioria apresentando resultados extremamente positivos, o que não garante a impossibilidade do fracasso. O fato é que a chamada educação emocional é, muitas vezes, uma “lição” muito sofisticada. Incorrer num reducionismo teórico, ou prático, pode constituir-se numa experiência frustrante, sujeita a resultados extremamente desastrosos.

Outra questão importante, a qual vale a pena ressaltar, é a visão lacônica que se tem, muitas vezes, em relação a emoção. Nesses casos, a emoção é reduzida à afetividade, ou seja, a visão de que uma relação harmônica entre professor e aluno, se traduz numa garantia de aprendizagem. É claro que essa relação afetiva, não pode ser desconsiderada do contexto pedagógico, mas, jamais a educação emocional pode ser resumida nessa relação.

Outro aspecto fundamental a ser considerado nesse contexto, é a função do educador, o qual deverá ter a sensibilidade necessária para transpor as barreiras do seu próprio conhecimento, e da sua prática em sala de aula. É isso pressupõe, que ele não é um mero transmissor de conhecimentos, mas, acima de tudo, deve ser capaz de preparar os seus alunos para serem eles mesmos, de modo que sejam conscientes e responsáveis na sua capacidade de ser, de sentir, de pensar e de agir.

Parece bastante evidente, que a partir do momento em que o professor for capaz de reconhecer as emoções de seus alunos (alegria, tristeza, medo, raiva, vergonha...), inevitavelmente, estará criando um canal extremamente fértil e acessível para uma perfeita interação.

Assim, a perspectiva de implementação de um modelo de educação emocional pleno, compartilhado linearmente com o processo cognitivo, ainda terá um longo caminho a percorrer. Não se pode esquecer que Rousseau, Pestalozzi, Montessori, Makarenko, Wallon e tantos outros pedagogos provavelmente já sabiam disso, e ressaltavam o valor das emoções na aprendizagem, embora, sem o refinamento e o caráter científico do modelo contemporâneo

## **Observações e conclusões**

As teorias da inteligência emocional e das inteligências múltiplas, sem dúvida, derrubaram muitos mitos. Talvez o principal deles seja o determinismo apregoado por muito tempo, em relação a questão da inteligência. Porém, assim como derrubou mitos, por outro lado, certamente criou outros. Isso talvez se justifique, em parte, pela subjetividade da própria ciência (nesse caso, da psicologia e da pedagogia). Desse modo, é perfeitamente admissível que uma teoria, por mais perfeita que possa parecer, provavelmente, terá sempre um caráter de obra inacabada.

Com relação à educação emocional, talvez o maior problema esteja justamente na expectativa que se cria em torno de um novo paradigma: que ele seja a solução para todos os problemas existenciais do homem. Decorre daí, a ânsia do homem na busca desenfreada por um protótipo ideal, por uma obra pronta e acabada, devidamente corroborada pela ciência. A incerteza é, sem dúvida, perturbadora e angustiante; todavia, a verdade, muitas vezes, pode ser falaciosa.

No entanto, a educação emocional, cientificamente construída e operacionalizada com responsabilidade, certamente poderá contribuir em muito para com a pedagogia.

É claro que não se pode simplesmente desprezar a legitimidade ou negar o progresso da ciência e, tampouco, as mudanças estruturais que isso possa gerar. Afinal, não se pode conviver, no final do século XX, com uma concepção estoica de comportamento, na qual a paixão (que é uma emoção) é considerada como uma desobediência à razão.

Falar em inteligência e educação emocionais pode ser bem mais complexo do que parece. Em princípio, porque até mesmo os cientistas ainda têm muitos questionamentos, muitas dúvidas em relação ao tema. Eles mesmos admitem que estão apenas engatinhando

no complexo mundo das emoções. Entretanto, existem algumas certezas que, embora possam não ser definitivas (assim como é o próprio caráter da ciência), permitem avanços significativos.

Acreditar que o homem é um ser eminentemente racional seria negar a sua própria identidade. Porém, a tarefa de “educar” as emoções não é nada simples, uma vez que o próprio domínio da “razão”, às vezes, é extremamente difícil.

Mesmo assim, a educação emocional parece ser um bom modelo para uma cultura democrática, pois não procura simplesmente impor normas para o resultado do comportamento emocional de uma pessoa. Pelo contrário, incentiva um processo de busca da realização pessoal, dentro de um contexto social, na qual as normas são elaboradas a partir do próprio reflexo dos envolvidos, a partir da própria individualidade de cada um.

## **Referências Bibliográficas:**

GOLEMANN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GARDNER, Haward. Inteligências múltiplas, a inteligência na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SALOVEY, Peter; SLUYTER, David J. (org.). Inteligência emocional da criança. Rio de Janeiro : Campus, 1999.

SMOLE, Kátia C. S. A matemática na educação infantil – a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VALLE, Edênio. Educação Emocional. São Paulo: Olho d' água. 1997.